



O roteiro François Truffaut

JULES e JIM

O romance Henri-Pierre Roché

Tradução:
André Telles

Jorge **Zahar** Editor
Rio de Janeiro

Título original:
Jules et Jim

ROMANCE: Tradução autorizada da edição francesa
publicada em 2005 por Éditions Gallimard, de Paris, França

Copyright © 1953, Éditions Gallimard

ROTEIRO: Tradução autorizada da edição francesa
dirigida por Jacques Charrière, publicada em 1995 por
Éditions du Seuil / Avant-Scène, de Paris, França

Copyright © 1962, Éditions de l'Avant-Scène e François Truffaut

FILMOGRAFIA: Copyright © Les Cahiers du Cinéma

FOTOGRAFIAS: Copyright © Raymond Cauchetier

Copyright da edição brasileira © 2006:

Jorge Zahar Editor
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Composição: Victoria Rabello
Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

T786j Truffaut, François, 1932-1984
Jules et Jim: o romance, o roteiro / roteiro de François Truffaut, romance de Henri-Pierre
Roché; tradução de André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

il.

Tradução de: Jules et Jim (roteiro); Jules et Jim (romance)
Apêndice: A crítica; Filmografia de François Truffaut; Miniglossário de termos cinematográficos

Roteiro de François Truffaut e Jean Gruault, baseado na novela de Henri-Pierre Roché de
mesmo título
ISBN 85-7110-931-1

1. Jules e Jim (Filme). 2. Roteiros cinematográficos. 3. Romance francês. I. Roché, Henri-
Pierre, 1879-1959. Jules e Jim. II. Gruault, Jean, 1924-. III. Telles, André. IV. Título.

Sumário

– 7 –

Jules e Jim

O romance

Henri-Pierre Roché



– 167 –

Jules e Jim

O roteiro

François Truffaut

<i>Jules e Jim</i> é uma síntese do meu trabalho até agora, <i>por François Truffaut</i>	– 171 –
Henri-Pierre Roché, <i>por Patrick Waldberg</i>	– 174 –
Créditos	– 175 –
Roteiro decupado	– 178 –
A crítica	– 271 –
Filmografia de François Truffaut	– 274 –
Miniglossário de termos cinematográficos	– 286 –



JULES e JIM

O romance Henri-Pierre Roché

Sumário

O romance

I. Jules e Jim

1. Jules e Jim	- 13 -
2. Jim em Munique	- 14 -
3. As três belas	- 15 -
4. Gertrude	- 19 -
5. Jules e Lucie	- 20 -
6. Lucie e Jim	- 21 -
7. Magda	- 27 -
8. Odile	- 31 -
9. Nas dunas	- 36 -
10. Lucie em Paris	- 40 -
11. Lucie e Odile	- 44 -
12. As viagens de Lucie	- 48 -
13. O sorriso arcaico	- 52 -
14. Os corvos	- 55 -

II. Kathe

1. Kathe e Jules	- 59 -
2. O pulo no Sena	- 62 -
3. 1914: A Guerra – 1920: o Chalé	- 64 -
4. Albert – A fogueira	- 71 -
5. Kathe e Jim – Annie	- 75 -
6. A locomotiva – Na cidade	- 80 -
7. Gilberte – Albert – Fortunio	- 86 -
8. O casarão Edgar Allan Poe	- 97 -
9. O passeio negro	- 102 -

III. Até o fim

1. Rompimento?	- III -
2. O pijama branco – No país de Hamlet	- II5 -
3. Dente por dente – Veneza	- 123 -
4. A ilha no Báltico	- 132 -
5. O quarto da felicidade	- 136 -
6. Paul	- 146 -
7. Estalos	- 150 -
8. Dilaceramentos	- 154 -
9. O tilintar da chave	- 157 -
10. Último mergulho no Sena	- 161 -
11. O forno crematório	- 164 -

I. Jules e Jim

1. Jules e Jim

Era 1907.

O pequeno e atarracado Jules, estrangeiro em Paris, havia pedido ao alto e magro Jim, a quem mal conhecia, que o infiltrasse no Bal des Quat-z' Arts*, e Jim arranjara-lhe um convite e o levava à loja de fantasias. Foi enquanto Jules bisbilhotava os tecidos, e escolhia uma simples fantasia de escravo, que nasceu a amizade de Jim por Jules. Ela cresceu durante o baile, quando Jules mostrou-se sereno, olhos feito bolas, cheios de humor e ternura.

No dia seguinte tiveram a primeira conversa de verdade. Jules não tinha mulher em sua vida parisiense e desejava uma. Jim tinha muitas. Apresentou-lhe uma jovem musicista. O começo pareceu favorável. Jules ficou ligeiramente apaixonado durante uma semana, e ela também. Depois Jules achou-a cerebral demais, e ela o achou irônico e plácido.

Jules e Jim viam-se todos os dias. Um ensinava ao outro, até tarde da noite, sua língua e sua literatura. Mostravam seus poemas um ao outro e os traduziam juntos. Conversavam com vagar, e nunca nenhum dos dois tivera ouvinte tão atento. Os fregueses do bar logo lhes atribuíram, à sua revelia, hábitos especiais.

* Bal des Quat-z'Arts (Baile das Quatro Artes): Baile anual organizado pelos estudantes da Escola Nacional de Belas-Artes de Paris, as quatro artes designando as quatro disciplinas ensinadas nessa instituição. Verdadeiro carnaval pelas ruas de Paris, dele participavam centenas de estudantes frenéticos. A fantasia era obrigatória, ainda que fosse sumindo pouco a pouco ao longo da noite. Em 1950 o Bal des Quat-z'Arts foi proibido pela polícia por causar distúrbios à ordem pública. (N.T.)

Jim apresentou Jules nos cafés literários freqüentados por celebridades. Jules foi apreciado no meio, e Jim ficou contente. Jim tinha uma conhecida, num desses cafés, uma mulherzinha atraente e atirada, que resistia nos Halles*, mais que os poetas, até as seis da manhã. Distribuía, altivamente, seus breves favores, conservando em tudo uma liberdade clandestina e uma inteligência rápida que não errava o alvo. Fizeram programas a três. Ela desconcertava Jules, a quem achava gentil, porém idiota. Ele a considerava extraordinária, porém terrível. Ela trouxe uma amiga simplória para Jules, mas Jules achou-a simplória.

Jim então desistiu de fazer algo por Jules. Incentivou-o a procurar sozinho. Jules, talvez constrangido pelo francês ainda imperfeito, fracassava sempre. Jim disse a Jules: Isso não é questão de língua.

E expôs-lhe alguns princípios.

— É o mesmo que você me emprestar seus sapatos ou suas luvas de boxe – disse Jim –, fica tudo sobrando em mim.

Jules, não obstante a opinião de Jim, fez contato com profissionais, sem encontrar satisfação.

Compensaram tudo com suas traduções e suas conversas.

2. Jim em Munique

Nesse íterim a mãe de Jules, bastante idosa, ainda forte, chegou da Europa Central para visitar o filho em Paris. Um tormento para Jules. Ela examinava a roupa dele e queria que não faltasse um botão. Levou Jules e Jim para jantar nos melhores restaurantes, mas queria que ambos fossem de casaca e cartola. Esforço considerável para Jules. Ela foi embora.

Três meses depois, em uma noite chuvosa, Jules improvisou um jantar para eles no seu dois-quartos mobiliado. Jim, ao abrir por acaso o forno da estufa de louça, encontrou ali a cartola de Jules, abandonada e

* Halles: grande mercado coberto na margem direita do Sena, o “ventre de Paris” nas palavras de Émile Zola. (N.T.)

coberta por uma fina camada de gordura. Jules disse com satisfação: “Aí ela poupa espaço e a gordura a protege.” Jim respondeu: “Eu não sou sua mãe, Jules.”

Comiam em pequenos bistrôs. Charutos eram sua despesa. Cada um escolhia o melhor para o outro. Freqüentavam o Concert Mayol e o Gaîté-Montparnasse*, onde Colette estava em cartaz.

Jules contava longamente a Jim sobre seu país e as mulheres de seu país. Amava uma delas, Lucie, a quem pedira a mão literalmente. Em seguida, instalara-se em Paris. Depois de seis meses, ia revê-la.

— Há uma outra – disse Jules. — Gertrude, que tem uma vida livre e um bonito filho. Ela me compreende, não me leva a sério. Ei-la.

Jules tirou da carteira uma foto de Gertrude: deitada nua numa praia, à mercê de uma leve marola, o filho de um ano sentado nu sobre as nádegas da mãe, rosto voltado para o largo, como num castelo-forte, Eros.

— Há uma outra ainda, Lina, a quem talvez eu amasse se não amasse Lucie. Veja, ela é assim.

E, sobre a mesinha redonda de mármore, desenhou um rosto com linhas curtas e lentas.

Jim, sem deixar de conversar, contemplou aquele rosto e depois disse a Jules:

— Vou com você.

— Para conhecê-las?

— Sim.

— Bravo! – disse Jules.

Jim quis comprar a mesa, mas o dono do bar só aceitou lhe vender o lote das doze.

3. As três belas

A fim de preparar as coisas, Jules chegou oito dias antes de Jim em Munique, onde passara dois anos junto àquelas três mulheres.

* Concert Mayol e Gaîté-Montparnasse: importantes teatros de Paris, o primeiro fundado em 1909, o segundo em 1867. (N.T.)

Alugou para Jim dois grandes cômodos na casa de pessoas de bem e o descreveu às três amigas, com pareceres tão díspares para cada uma que elas não o reconheciam quando os comentavam entre si.

Assim que Jim chegou, Jules apresentou-o a Lina, que conhecia a história da mesa.

Para surpresa de Jules, antes mesmo de haverem terminado as tortas do chá, Lina, bela e maliciosa, e Jim chegaram a um acordo sobre os seguintes pontos:

a) Jim parecia-se pouco com a descrição que Jules fizera a Lina.

b) Lina não se parecia em nada com o desenho da mesa redonda.

c) Ambos sentiam-se muito bem; no entanto, a fim de pouparem o tempo de Jules e o deles próprios, declaravam conjuntamente que o esperado amor à primeira vista estava fora de questão.

— Como invejo a clareza e a rapidez de suas reações... — disse Jules.

Quanto a Lucie e a Gertrude, Jules revelou-as ao mesmo tempo para Jim, durante uma ceia no bar mais moderno da cidade.

Desvencilhadas dos casacos, elas surgiram, contrastantes, e sentaram-se a uma mesa de madeira clara, logo coberta com uma toalha e copos esquisitos.

Um sorriso feliz e tímido relampejava nos lábios de Jules dizendo aos outros três que eles estavam em seu coração.

Reinou um tempo morto, sem nenhum embaraço.

— Como você faz, Jules — pensou alto Jim —, para reunir assim duas mulheres tão diferentes e tão...

Não concluiu. Foi o silêncio que pronunciou para ele a palavra *belas*. Foi ouvido por ambas.

Jules corou de prazer. Ia responder. Gertrude deteve-o erguendo a mão:

— Jules é nosso confidente, nosso diretor. Tem uma imaginação fértil, paciência de anjo. Coloca-nos em seus romances. Consola-nos, mexe com a gente. Corteja-nos. Não exige nada da gente. Só se esquece de uma coisa: de si próprio.

— Que belo elogio! — disse Jim.

— Então aparecemos quando ele nos chama — disse Lucie, erguendo ligeiramente a cabeça.

Jules contou, do seu jeito engraçado, o fracasso com Lina, que Lina já confidenciara às amigas por telefone.

— Claro – disse Gertrude –, Lina e o senhor Jim não combinam. Lina é uma garota mimada, o senhor Jim não gosta disso.

— Do que ele gosta? – perguntou Jules.

— Logo veremos – disse Lucie.

Pela segunda vez o som grave da voz dela dirigiu-se a Jim. Ele sentia como um desconforto por estar sentado entre aquelas duas mulheres, querendo olhar para ambas ao mesmo tempo.

Aquilo começava como um sonho.

Com seus plenos poderes de anfitrião, Jules logo propôs que, para abolir de uma vez por todas o senhor, a senhorita e a senhora, confraternizassem bebendo seu vinho favorito e que, para evitar o gesto tradicional e óbvio de entrelaçar os braços, os pés dos bebedores se tocassem sob a mesa: o que foi feito. Esfuziante de alegria, Jules tirou rapidamente os seus pés.

Os de Jim permaneceram por um momento encostados em um pé de Gertrude e em um pé de Lucie, que, antes dele, afastou suavemente o dela.

Lucie era uma beldade gótica, de crânio alongado, demorando-se um pouco em tudo e merecendo a cada momento, aos olhos dos outros, o pleno valor que a si própria atribuía. Seu nariz, sua boca, seu queixo, sua testa eram o orgulho de toda uma região, que ela representara ainda criança por ocasião de uma festa religiosa. Filha da grande burguesia, estudava pintura.

Gertrude tinha trinta anos, beleza grega, atleta nata. Ganhava, sem treinamento, corridas de esquí. Saltava dos bondes andando e, sem esforço, estacava instantaneamente. Dava vontade de conhecer seus músculos. Tinha um filho de quatro anos, sem pai. Não acreditava em pais. Vivia de sua arte de miniaturista, com altos e baixos. Nobre, estava banida de sua casta, mas os artistas a respeitavam e bajulavam.

A noite corria como um rio sinuoso. Os convivas cantavam, faíscas cintilavam. Exibiam também uma relativa indiferença em relação ao dinheiro e a consciência de estarem constantemente nas mãos de Deus – que Gertrude preferia chamar de Diabo.

Jules palestrava muito bem. Entretanto, por volta das duas da manhã, começou a ficar um pouco especialista demais em almas e situações, e, para

contrabalançar, contou algumas piadas audaciosas. Talvez compensasse com palavras em público o que não ousava arriscar em privado. Zombou um pouco das duas amigas, de si próprio e, quase, de Jim. Não lhes havia aberto as portas de um paraíso ao qual temia não ter acesso? Tivera tal pressentimento? A seu cântico de homenagem e alegria misturavam-se agora pequenos arranhões, que começaram a latejar quando ele passou a dar longos conselhos ao Pai Eterno no sentido de reelaborar sua Criação.

Uma evidência surgia. Jules era amigo delicioso, mas amante ou marido sem consistência. Mais uma vez ele próprio suspeitava disso e, mais uma vez, o escondia no fluxo de suas palavras.

— Jules está estragando a noite dele, é sempre assim – disse Gertrude, chateada, enquanto ele se levantara para correr atrás da vendedora de cigarros. Lucie balançou a cabeça com indulgência.

O último quarto de hora transcorrerá sob as divagações de Jules, que não deixava os outros falarem e insistia em efeitos canhestros. Seus três amigos constrangiam-se e nasceu o desejo de se reverem sem ele.

Jim ainda não conhecia aquele Jules, embora, pensando bem, já houvesse percebido vestígios nas conversas que tinham sozinhos, nas quais, longe da presença real da beleza, Jules devaneava.

Após ter levado Gertrude e Lucie até suas respectivas portas, Jules e Jim foram dar uma caminhada por um grande parque. O dia nascia. Jules estava mais calmo.

— Que noite assombrosa! – disse Jim. — Que fragrância audaciosa a dessas duas flores! Que amor sagrado e que amor profano!... Não quero mais encontrar Gertrude e Lucie ao mesmo tempo...

— Eu compreendo – disse Jules. — Qual delas a impressionou mais?

— Ainda estou deslumbrado – disse Jim. — Não tenho pressa em saber. E você, Jules?

— Pedi e voltarei a pedir a mão de Lucie. Gertrude me consolou quando Lucie recusou. Levei Gertrude, com o filho, para uma praia italiana. Ela me emprestou sua forma, mas não seu amor... Veja, Jim, quando conheci Lucie, tive medo. Não queria me entregar ao amor. Mas ela machucou o pé durante um passeio pela montanha e permitiu que eu a tratasse, e eu enfaixava e desenfaixava seu pé. Queria que nunca curasse.

— Eu conheço a mão dela – disse Jim.

— Eu é que não me curei – prosseguiu Jules. — Quando ela se recuperou, ousei oferecer-me a ela como marido. Ela disse: *não*, mas com tanta delicadeza que ainda tenho esperança.



JULES e JIM

O roteiro François Truffaut

[DECUPAGEM INTEGRAL E DIÁLOGOS]

Sumário

O roteiro

<i>Jules e Jim</i> é uma síntese do meu trabalho até agora, <i>por François Truffaut</i>	- 171 -
Henri-Pierre Roché, <i>por Patrick Waldberg</i>	- 174 -
Créditos	- 175 -
Roteiro decupado	- 178 -
A crítica	- 271 -
Filmografia de François Truffaut	- 274 -
Miniglossário de termos cinematográficos	- 286 -

“O trabalho de Truffaut escapa da inércia da fotografia, para mim, evoca as águas de março. Nada mais real que as nuvens ameaçadoras brincando no céu parisiense – e, no entanto, já se viu algo mais fêérico?”

JEAN RENOIR

Jules e Jim é uma síntese do meu trabalho até agora

— Um dia, por acaso, comprei *Jules e Jim* em uma livraria do Palais-Royal. O título me agradou de cara e, quando li na contracapa que era o primeiro romance de um homem de setenta e seis anos, fiquei mais interessado ainda: adoro os relatos “vividros”, as memórias, as recordações, as pessoas que contam sua vida. Ao mesmo tempo que achei o livro maravilhoso, fiquei chocado com o caráter escabroso das situações e com a pureza do conjunto. Julgava não ser possível dar-lhe uma equivalência no cinema até que assisti a *Madrugada da traição*, de Edgar Ulmer. Era um *western* barato, mas, durante uns quinze minutos, mostrava-se ali, como em *Jules e Jim* e com o mesmo frescor, uma mulher hesitando entre dois homens igualmente simpáticos.

Em minha crítica do filme – eu trabalhava então para a revista *Arts* – mencionei o romance de Roché, que me enviou uma carta para agradecer. Continuamos a nos corresponder, e eu lhe disse que estava pensando em filmar *Jules e Jim*. Falamos da adaptação, e ele imaginava diálogos “arejados e densos”. Ele certamente os teria escrito se não houvesse morrido pouco antes do lançamento de *Os incompreendidos*.

— *Como procedeu com a adaptação?*

— No livro, que eu sabia de cor, marquei o que eu gostava mais com uma ou várias cruces, escrevi alguns comentários e entreguei tudo a Jean Gruault, co-adaptador e dialoguista do filme. Ele escreveu um texto de duzentas páginas, que peguei de novo e retrabalhei com cola e tesoura, reservando-me uma margem para improvisar as cenas indispensáveis de última hora durante a filmagem. Por exemplo, li as cartas que Apollinaire escreveu na coletânea *Tendre comme le souvenir*. À medida que a leitura progredia, elas tornavam-se mais íntimas para mim, mais familiares, e eu ficava falando sobre elas; a partir daí criava monólogos que, entregues a determinados

atores, pouco a pouco transformavam-se em cenas. Assim, quando a ficção às vezes nos arrasta para fora da vida, dizemos subitamente o que pensamos, salvamo-nos pela sinceridade...

Mantive ao longo do filme um comentário em *off* todas as vezes que o texto me pareceu impossível de ser transformado em diálogos ou belo demais para ser suprimido. Prefiro a adaptação clássica, que, bem ou mal, transforma um livro em peça de teatro, forma intermediária que alterna diálogos e leitura em voz alta, o que de certa forma corresponde ao romance filmado. Por sinal, acho *Jules e Jim* antes um livro cinematográfico que um pretexto para um filme literário.

— *Qual é o tema de Jules e Jim?*

— Há uma canção no filme chamada “Le Tourbillon de la vie”; ela indica o tom e revela a clave. Talvez porque tenha sido escrito por um velho, considero *Jules e Jim* um hino à vida. Por essa razão, quis criar uma impressão de grande lapso de tempo, mascarado pelo nascimento dos filhos mas também cortado pela guerra e pela morte, que conferem um sentido mais pleno para uma vida longa.

Talvez fosse ambicioso fazer um filme de velho, mas esse recuo tanto me fascinou que me proporcionou certo distanciamento. Pareceu-me mais fácil desse jeito porque tanto o enredo quanto a época eram estranhos para mim, porque, ao me recusar tomar partido, eu queria levar o público a ser tão objetivo quanto eu. É também uma história sobre o amor, com a idéia de que, nem sempre sendo o casal a solução ideal e satisfatória, parece legítimo buscar uma moral diferente, outros modos de vida, embora todos esses arranjos estejam fadados ao fracasso. Entretanto, e a despeito de sua aparência “moderna”, o filme não tem caráter polêmico. Provavelmente a jovem mulher de *Jules e Jim* quer viver da mesma forma que um homem, mas esta é apenas uma particularidade de seu caráter e não uma atitude feminista e reivindicatória.

Pode-se dizer, acerca dessa personagem – encarnada por Jeanne Moreau –, que ela é feita ao mesmo tempo de clichês e anticlichês. Por exemplo, quando ela se torna Scarlett O’Hara demais, ponho óculos nela, tento torná-la mais humana, mais realista. Eu queria fazer bem à Jeanne

Moreau atriz, e achei que devia impedi-la de se tornar pomposa, que con-
vinha poupar-lhe todo tipo de exibicionismo.

Tentei “desintelectualizá-la” em relação a seus filmes precedentes e
tornar tanto o papel quanto sua atuação mais físicos e mais dinâmicos. Eu
já havia trabalhado nesse sentido com Jean-Pierre Léaud para *Os incom-*
preendidos e com Charles Aznavour para *Atirem no pianista*.

— *Há pontos comuns entre esses dois filmes e Jules e Jim?*

— No fim de cada filme – e aí incluo meu curta-metragem *Os pivetes* –,
tento tirar uma espécie de “lição”. Eis por que tenho a sensação de que
Jules e Jim é uma síntese do meu trabalho até agora. Tem, dos *Pivetes*, a
importância da natureza, o retorno ao comentário e a introdução de cenas
construídas sobre uma idéia plástica. É igualmente um pouco, como em
Os incompreendidos, o relato de uma engrenagem, a descrição de uma situa-
ção difícil que se torna cada vez mais inextricável. Também tentei nos dois
filmes apresentar um adolescente e uma mulher jovem, embora ambos
ajam de uma forma habitualmente reprovada pela moral. Enfim, *Jules e*
Jim é uma extensão de *Atirem no pianista* porque em ambos quis contraba-
lançar os personagens a fim de que inspirassem a mesma simpatia e as
pessoas ficassem tentadas a amá-los da mesma forma.

FRANÇOIS TRUFFAUT

depoimento colhido por

Yvonne Baby, *Le Monde*, 24 jan 1962

Henri-Pierre Roché

Henri-Pierre Roché, autor de *Jules e Jim*, obra agri-doce que o filme de François Truffaut celebrizou, não era um homem de letras. Verdadeiro dândi, passou despercebido e ignorado em vida, exceto por algumas criaturas de elite, com quem partilhava curiosidades e gostos pessoais. Para ele, sempre jovial, a amizade de Truffaut nos últimos anos de vida deve ter sido uma felicidade. Já se havia surpreendido e rejubilado por seu romance libertário, de uma alegria áspera – e no qual havia colocado muito de si próprio –, ter encontrado um editor e mais leitores do que podia imaginar. Pena que sua morte, ocorrida pouco antes de Truffaut ter concluído seu trabalho, o tenha privado de outra alegria: a de constatar o quanto o filme tirado de sua obra suscita interesse, sobretudo junto às novas gerações.

Algumas notas esparsas em revistas, algumas frases sobre Brancusi, lembranças sobre Duchamp e o romance que seduziu Truffaut – eis tudo o que restará de Henri Pierre-Roché. Não, todavia, enquanto viverem seus amigos próximos, para quem seus raros escritos contam menos que a contribuição direta do inovador, cuja distância não apaga os vestígios e engrandece a lembrança.

PATRICK WALDBERG*

CONTINUIDADE FOTOGRÁFICA DO FILME

Para a decupagem integral que se segue, as referências numéricas das fotos estão indicadas em negrito nas margens, aproximando-se o máximo possível da descrição do plano de cada foto. Essas referências encontram-se sob cada imagem.

* Patrick Waldberg (1913-85): escritor e crítico de arte norte-americano, mas educado na França, foi um dos últimos representantes do movimento surrealista. (N.T.)



1. Oscar Werner, Henri Serre.



2. Oscar Werner, Henri Serre.



3. Henri Serre, Oscar Werner.

A tela permanece escura enquanto ouvimos uma voz de mulher.

JEANNE MOREAU (off): “Tu me disseste: Eu te amo. Eu te disse: Espera. Eu ia dizer: Leva-me contigo. Tu me disseste: Vai embora.”

Após essa epígrafe recitada, a tela se ilumina e os créditos começam a se desenrolar sobre imagens de cenas fugazes. Vemos, assim, dois homens, Jules e Jim, passarem por uma ruela e trocarem longas medidas, depois passearem alegremente pelo campo ensolarado em companhia de duas moças. Enquanto o nome da pequena Sabine Haudepin passa, uma garotinha joga dardos: close de seu rosto, depois panorâmica bem rápida seguindo um dardo até o alvo.

- 1 *Ainda durante os créditos, diversos flashes de Jules e Jim: ora duelando com vassouras no lugar de espadas, ora brincando de cego e paralítico (Jules,*
2 *o paralítico, subiu nos ombros de Jim, o cego, que avança às apalpadelas). Em seguida close de uma ampulheta escoando areia, de uma tela de Picasso (fase azul), do violonista Bassiak (o mesmo que interpreta o papel de Albert), de Jules segurando sua filha Sabine pela mão e passeando por uma pradaria.*
3 *Enfim, último plano dos créditos (em grande plongée): Jules e Jim, no campo, correndo desabaladamente.*

- 4 *Início do filme propriamente dito: série de flashes mudos de Jules e Jim, enquanto uma voz off (a de Michel Subor) comenta o encontro, bem como o nascimento da amizade entre os dois homens. Jules e Jim estão sentados e jogam dominó em uma mesa, um de frente para o outro.*

Voz (off): Era por volta de 1912, Jules, estrangeiro em Paris (close em flash de Jules, o louro, que move uma peça), pedira a Jim (close em flash de Jim, o moreno, que observa o jogo), que mal conhecia, que o infiltrasse no Bal des Quat-z’Arts; Jim arranjara-lhe um convite e o levava à loja de fantasias. Foi

enquanto Jules bisbilhotava os tecidos (*plano de Jules e Jim que remexem um cesto, do qual puxam um lençol*) e escolhia uma simples fantasia de escravo que nasceu a amizade de Jim por Jules. Ela cresceu durante o baile, quando Jules mostrou-se sereno, olhos feito bolas, cheios de humor e ternura.

No dia seguinte (*plano dos dois homens sentados: Jim destaca as páginas de um livro para Jules*), tiveram a primeira conversa de verdade, depois passaram a se ver todos os dias. (*Plano dos dois homens, que a câmara segue na noite: passeiam pelas ruas discutindo.*) Um ensinava ao outro, até tarde da noite, a língua e a literatura de seus países; mostravam seus poemas reciprocamente e os traduziam juntos. Exibiam também em comum uma relativa indiferença com relação ao dinheiro e conversavam com vagar; nunca nenhum dos dois tivera ouvinte tão atento.

Plano ext.: uma canoa, onde estão instaladas duas mulheres em companhia 5 de Jules e Jim, desliza sobre a água: é Jim quem rema.

Jules não tinha mulher em sua vida parisiense e desejava uma. Jim tinha muitas. (*Plano de Jules e Jim com duas outras mulheres perto de um pavilhão.*) Apresentou-lhe uma jovem musicista. O começo pareceu favorável. Jules ficou ligeiramente apaixonado durante uma semana, e ela também. (*Plano de Jim, sorrindo para uma jovem mulher perto de si, e panorâmica de Jules, sozinho, comendo um doce.*) Depois foi um belo pedaço de mulher desinibida que resistia nos cafés, mais que os poetas, até as seis da manhã. Em outra ocasião foi uma bonita viúva loura. Fizeram programas a três. (*Pátio do apartamento de Jules, uma mulher sai por uma porta – zoom para trás – e diz bom dia a Jim, depois a Jules*). Ela desconcertava Jules, a quem achava gentil, porém idiota (*a mesma mulher com Jules, depois panorâmica de outra mulher*), e arranjou para ele uma amiga simplória, mas Jules achou-a simplória. Finalmente, apesar da opinião de Jim, Jules entrou em contato com profissionais (*close de uma placa de hotel. Jules aproxima-se e entra no estabelecimento. Plano em transparência de uma janela, de um homem beijando a mão de uma mulher, depois close em flash de uma perna feminina usando meias pretas e um relógio-bracelete em torno da canela*), mas sem encontrar satisfação.

RUELAS DE PARIS / NOITE

6 *É noite, as ruas acabaram de ser iluminadas. Uma panorâmica acompanha Jules e Jim discutindo enquanto caminham. Passam por um homem e uma mulher (Merlin e Thérèse) que, ao percebê-los, beijam-se fogosamente. Assim que Jules e Jim se afastam, Merlin se recompõe. Atrás do casal, em uma cerca de tábuas, lê-se em letras brancas maiúsculas: “Morte aos...”*

MERLIN: Vamos, ao trabalho!

Merlin pega o pincel no balde de tinta que Thérèse segura. Acaba escrevendo: “Morte aos outro”, mas não há tinta suficiente para o “s” final.

MERLIN (*furioso*): Não tem mais tinta, vagabunda! (*Dá-lhe um tapa.*) Agora vão dizer que os anarquistas não sabem ortografia!

Plano afastado: Merlin continua a bater em Thérèse. Esta, apavorada, foge correndo em direção à câmara. Corre e encontra Jules e Jim.

THÉRÈSE: Socorro! Merlin está atrás de mim. É mais forte que vocês. Vamos correr todos os três!

Coloca-se entre os dois, pega-os pelos braços e os arrasta. Fusão.

DENTRO DE UM FIACRE

Thérèse está sentada entre Jules e Jim no fiacre. Os três estão um pouco apertados no banco. Planos alternados de um a outro e plano dos três.

THÉRÈSE: Podem me arranjar uma cama para esta noite? Meu nome é Thérèse.

JIM: Dormir na minha casa não é possível, Thérèse... Sou esperado em outro lugar.

JULES: Gilberte? (*Um tempo, depois vira-se, tímido, para Thérèse.*) Mas na casa de Jules... sou eu...

THÉRÈSE (*a Jim*): E você?

JIM: Jim.

THÉRÈSE: Jim e Jules então?

JIM (*como se ela acabasse de cometer uma gafe enorme*): De jeito nenhum, Jules e Jim! (*Risos.*)

Plano geral do fiacre afastando-se no fim da rua.



6. Marie Dubois.



7. Oscar Werner, Marie Dubois.



8. Vanna Urbino, Henri Serre.

PÁTIO

Uma porta abre e Thérèse aparece, seguida por Jules: entram no pátio. Jules mostra a escada que leva a seu apartamento. Ambos sobem.

APARTAMENTO DE JULES

Assim que a porta abre e os dois (Thérèse e Jules) entram, acompanhamos Jules em panorâmica, que procura fósforos. Close de Thérèse, cujo rosto é iluminado pela chama do fósforo riscado em off; passamos rapidamente para Jules, depois voltamos para Thérèse, que sorri. Plano médio de Jules que se dirige à moça e, próximo a ela, inverte uma enorme ampulheta.

THÉRÈSE: O que é isso?

JULES: É melhor que um pêndulo. Quando a areia estiver embaixo, é hora de dormir.

Thérèse, sonhadora, brinca com uma maquininha de enrolar cigarros enquanto, em panorâmica, seguimos Jules, que volta do outro cômodo trazendo uma cadeira de balanço.

JULES (*mostra a cama, depois a cadeira de balanço*): Você dorme aqui e eu ali.

THÉRÈSE (*ligeiramente irônica*): Certo. (*Um tempo.*) Tem um cigarro?

JULES: Claro.

Com agilidade, Jules passa por cima da cama para pegar um estojo em forma de dominó. Abre-o e o estende a Thérèse.

THÉRÈSE (*ergue os olhos*): Você é Jim?

JULES: Não, Jules.

THÉRÈSE (*sorridente*): Você é gentil, Jules.

Ela pega um cigarro no estojo. Jules estende-lhe o isqueiro aceso.

THÉRÈSE (*acende o cigarro*): Vou fazer a locomotiva a vapor.

Imediatamente Thérèse enfia o cigarro ao contrário na boca (a brasa dentro da boca), sopra (o cigarro faz fumaça abundante), depois dá rapidamente (panorâmica em close) a volta no quarto até a cadeira de balanço onde Jules, um pouco espantado, instalara-se. Ajoelha perto dele e, pegando o cigarro,
7 *coloca-o entre os lábios de Jules. Close dos dois seguido por uma longa fusão.*

APARTAMENTO DE GILBERTE

A fusão desemboca num plano de conjunto do quarto de Gilberto. Jim, que distinguimos de costas, está sentado na cama, onde Gilberto está deitada.

JIM: Daqui a dez minutos será dia.

GILBERTE: Jim, por uma vez você poderia ficar e dormir ao meu lado.

Jim levanta-se para terminar de se vestir: abotoa o colete, depois vai até um espelho para alisar o bigode.

JIM: Não, Gilberto!... Se eu ficar, terei a impressão de abandoná-la quando não ficar amanhã... e se eu ficar amanhã, seremos um casal, portanto quase casados. Não seria contrário à nossa combinação?

GILBERTE: Como você é lógico!

Ele se aproxima da janela, levanta a cortina para ver o tempo e volta até a cama, veste o terno e fala ao mesmo tempo.

JIM: Tem também Judex, que não gosta de ficar sozinho na casa... e, depois, a noite acabou, o dia está nascendo.

8 *Senta-se novamente na cama, beija-a, depois se levanta.*

JIM: Pronto, imagine que sou um operário de saída para o canteiro de obras.

Jim (que acompanhamos em panorâmica) sai do quarto fechando a porta atrás de si.

GILBERTE: Patife!... Está indo para casa dormir até o meio-dia... Sei muito bem!...

A crítica

≈ ROBERT KANTERS

Maldito aquele a quem a palavra pureza fizer rir só porque, ao longo do filme, Jeanne Moreau vai da cama de Jules para a cama de Jim, volta e vai de novo, chegando inclusive a viver outras aventuras. O milagre de Henri-Pierre Roché, de François Truffaut e de Jeanne Moreau é que, dessas hesitações sentimentais, emana não uma atmosfera de erotismo, mas um canto de tristeza.

L'Express, 21 de janeiro de 1962

≈ CLAUDE MAURIAC

Nada sei acerca de Henri-Pierre Roché, cujo livro sequer li. Mas um pouco de seu segredo subsiste na transcrição de Truffaut. E não creio estar enganado ao pensar que a beleza do romance (perceptível no filme) decorre de que seja autobiográfico. Sem isto, a história seria aquela, tão batida, do *ménage à trois*. Para que escape assim à banalidade, para que nos interessemos por ela como drama único e sem precedente, irredutível, de três seres cuja aventura pode ter, aos olhos de terceiros, uma aparência medíocre, mas que sabem que seus sofrimentos e alegrias não se igualam a nenhum outro, foi preciso que um pouco dessas alegrias e sofrimentos tenha passado para a obra em que um deles romanceou suas lembranças – e desta para o filme de um fervoroso adaptador. Estarei enganado? Mas então de onde viria essa impressão de autenticidade? Raramente as belas mentiras da arte dão tamanha impressão de verdade.

Le Figaro Littéraire, 27 de janeiro de 1962

≈ JEAN DE BARONCELI

O filme de Truffaut é o contrário de um filme escabroso, de um filme “bem parisiense”. Jules e Jim não são em momento algum ridículos, e, se acontece de Catherine ser irritante, nunca é detestável. Uma espécie de inocência, de pureza original, preserva todos os três da baixeza. O que quer que pensem os hipócritas, a história deles é uma bela e dolorosa história de amor. O mérito essencial do filme de Truffaut é nos fazer acreditar nessa inocência e nesse amor.

Le Monde, 26 de janeiro de 1962